

AS FLORES DE VOLTA

Foi minha esposa quem recebeu, de amiga muito querida, o vídeo de Emílio Santiago cantando a linda marcha-rancho composta em 1961, ano da sangrenta Revolução Cubana, por Paulo Soledade, cujos versos constituem verdadeiro hino poético de esperança até mesmo para os conturbados dias atuais.

“Vê, estão voltando as flores / Vê, nessa manhã tão linda / Vê, como é bonita a vida / Vê, há esperança ainda / Vê, as nuvens vão passando / Vê, um novo céu se abrindo / Vê, o sol iluminando / Por onde nós vamos indo / Por onde nós vamos indo”, foi a forma encontrada pelo compositor para saudar os novos tempos que então pareciam se abrir, mas que, da mesma forma, suscitavam-lhe pesadas dúvidas. Não é o que se passa, nos presentes dias, tanto no Brasil como no resto do mundo?

Todos os que têm um mínimo conhecimento que seja de História, além de olhar crítico sobre os últimos episódios noticiados pela imprensa séria do país, sabem ou pelo menos intuem que os rumos da maioria das nações tanto podem ser bonançosos, quanto tornarem-se tortuosos. É que, enquanto o interesse particular prevalecer, nas cabeças dos que mandam, sobre o interesse público, tudo pode acontecer. Muito embora seja difícil mudar o pensamento da maioria das pessoas, não se pode dizer que isso seja impossível.

Somente para citar um exemplo de insensatez, para não dizer burrice, sabe-se que, apesar de todas as evidências, ainda há pessoas que acreditam e insistem em divulgar que nossa desgastada Terra é plana. O pouso televisionado na lua, as fotos tiradas a partir de satélites artificiais, e tantas outras provas conclusivas não abalam a errônea convicção desses terraplanistas. Como também não os toca, em momento algum, a conclusão daquele

pensador de que não há nada mais teimoso do que um fato. São eles, na verdade, mais teimosos do que os fatos.

A humanidade, no entanto, vem evoluindo, muito mais no campo material do que no moral. Veja-se, por exemplo, como a média de vida avançou consideravelmente nas últimas décadas, e como também se vive hoje de forma muito mais confortável do que antigamente.

Quando se constata, porém, as enérgicas reações dos quatro cantos do mundo ao radicalismo religioso que tem vitimado tantos inocentes, como também aos insensatos posicionamentos políticos que tem levado a sangrentas guerras locais, pode-se concluir, tal qual o compositor-poeta, que *“estão voltando as flores”* e que *“há esperança ainda”*.

Contudo, mudanças de mentalidade não acontecem da noite para o dia e somente quem tem olhos de ver percebe os primeiros e ainda tênues sinais dessas mudanças. Muitas incertezas ainda persistem e, apesar de se ver *“um novo céu se abrindo”*, é perfeitamente razoável que se questione *“por onde nós vamos indo”*.

Essa mesma pergunta, *“por onde nós vamos indo”*, coloquei-a ao Raimundo, o vivaz caçara pescador, na ocasião em que ele veio trazer-me, de presente, um belo robalo que pescara na noite anterior. Depois que recitei para ele o texto completo do poema de Paulo Soledade, acima transcrito, sua resposta surpreendeu-me: *“As pessoas não querem baderna, seu doutor. Só querem trabalhar em paz. E como lhe falei outro dia, quando tiver um tempinho venha ver as flores que plantei no jardim de minha casa, rosas, margaridas, hortênsias...”* Aquilo deixou-me muito feliz, pois confirmou o que eu já sabia há muito tempo, ou seja, que Raimundo, pessoa simples e humilde, também cultiva, além de flores naturais, aquelas de amizade desinteressada, ainda que não tenha plena

**consciência disso. Quisera todos os que se dizem amigos
fossem como ele.**

**Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com**